

5

Considerações finais

Durante a revisão, os erros se escondem, fazem-se positivamente invisíveis. Mas assim que o livro sai, tornam-se visibilíssimos, verdadeiros sacis vermelhos a nos botar a língua em todas as páginas. Trata-se de um mistério que a ciência não conseguiu decifrar...

Monteiro Lobato

5.1

Letramento em História e ENEM: desafios, tensões e possibilidades

Este tópico se constitui num balanço da pesquisa, procurando delinear as possibilidades que a investigação proporcionou, bem como as suas limitações e lacunas

Um olhar retrovisor sobre a História é sempre interessante, permite uma visão em perspectiva dos caminhos percorridos e dos marcos que guiaram nossa caminhada ao longo da elaboração da pesquisa. Por isso, se faz necessário retomar as questões que foram suscitadas.

Propusemo-nos a pesquisar a possibilidade de formação do letramento em História, articulada à Matriz de Competências do ENEM, no Curso de Capacitação de Professores dos Pré-vestibulares Comunitários promovido pela Fundação Cesgranrio e a PUC-RJ, em parceria, no ano de 2007. Procuramos pesquisar, também, os elementos que envolveram essa capacitação, tanto em seus dilemas e tensões quanto em suas possibilidades concretas.

As dinâmicas que envolvem os processos formativos do Letramento em História entre os professores cursistas nos permitem constatar a importância de práticas calcadas no diálogo e na mediação dos professores formadores, para o desenvolvimento das habilidades e competências leitoras.

Sendo o diálogo um elemento fundante do próprio fazer pedagógico, como explicitou Paulo Freire ao longo de suas obras, não há como desconsiderá-lo e ou secundarizá-lo como elemento fundamental para as dinâmicas de ensino-aprendizagem. Isto é, no processo de desenvolvimento do letramento em História, o diálogo aberto e desarmado constitui condição essencial para os processos de

construção do conhecimento e desenvolvimento das capacidades cognitivas ou, numa expressão de Vygotsky, das “funções psicológicas superiores”. E é este autor quem também nos fornece pistas importantes sobre esse processo dinâmico e ativo de desenvolvimento pois, para esse autor, é na relação com os outros que o indivíduo se desenvolve, é no contexto social que os indivíduos se apropriam dos instrumentos intelectuais. Com efeito, os dois autores acima apontam para o fato de a aprendizagem e o desenvolvimento ocorrerem no coletivo, nas relações estabelecidas entre os indivíduos da mesma espécie. Com isso, esses autores nos fornecem bases epistemológicas fundamentais para a compreensão do desenvolvimento dos processos articulados ao letramento em História.

Conceito importante, se considerarmos que o letramento em História implica competências e habilidades de leitura de textos, em seus variados suportes textuais, atravessados de múltiplas questões: sociais, políticas, culturais, ideológicas, etc. Isto é, concatena-se a leitura histórica do mundo. Este aspecto não pode ser negligenciado pelas práticas pedagógicas das aulas de História, pois o atual contexto social e histórico é carregado de uma produção, em larga escala, de informações possibilitadas pelo aperfeiçoamento e pela sofisticação dos meios de comunicação e de informação. E se é corrente a afirmação de que se aprende História nos vários espaços sociais e suportes de informação, a reflexão histórica ocorre, por excelência, na escola ou em espaços escolarizados. Tem dado margem a confusões o fato de não haver distinção entre o acesso a uma acumulação de informações e as reflexões articuladas ao campo da História. Com efeito, absolutizam-se os textos produzidos por filmes, programas que falam da História e informações de sites, que muitas vezes são duvidosos. A histeria em torno de filmes como o Código da Vinci, que vira portador de uma verdade histórica e que abalaria estruturas, constitui um exemplo fundamental dessa situação.

Sem uma reflexão sobre esses processos no ensino de História, a tendência é a reprodução de modismos, opiniões e concepções, de forma acrítica. O Letramento em História tenta dar conta desse desafio que se impõe ao ensino de História. Utilizamos este conceito com o objetivo de salientar a importância da leitura e do desenvolvimento das habilidades articuladas a essa disciplina. Desta forma, ler deixa de ser um problema exclusivo de Língua Portuguesa. Ao contrário, articula-se com todas as disciplinas porque se inscreve no existir humano em nosso contexto social. Por outro lado, ler perde um pouco sua área

fetichizada como se fosse um ato neutro e transformador por si mesmo. Um olhar superficial pela História em todas as épocas desconstrói facilmente essa visão mítica e mágica da leitura, pois homens que tinham hábitos de leitura ou que passaram por processos de escolarização apoiaram ditaduras, holocaustos, promoveram guerras, ou mesmo se mostraram corruptos profissionais.

Enfim, o Letramento em História encerra a articulação de outras dimensões no processo de leitura do mundo, uma leitura não neutra e feita a partir do mirante das classes populares, e que procura ler para além da aparência, lendo nas entrelinhas e descortinando silenciamentos, ocultamentos e a produção de invisibilidades diversas. Como nos lembra Serva Guimarães Fonseca¹²⁹: *o professor formador, ao diversificar as fontes e dinamizar as práticas, democratiza o acesso ao saber, possibilita o confronto e o debate de diferentes visões, estimular a incorporação e o estudo da complexidade da cultura e da experiência formativa dos professores.*

A participação em um curso de capacitação como o que foi analisado ao longo desta pesquisa pode contribuir para a formação e desenvolvimento das habilidades e competências de leitura do mundo, de forma crítica e ativa. É nesse sentido que ler ganha maior importância e, como nos lembra um grande mestre: *a leitura do mundo precede a leitura da palavra.*

Apesar do caráter preparatório do “aulão de resolução de questões” tão típico da “Indústria do Vestibular”, a equipe de História procurou construir uma prática que superasse essa redução, mas sem se descuidar com o horizonte do próprio ENEM. Isto trouxe uma série de tensões e conflitos que foram percebidos, de forma lúcida, pelo professor Pedro:

Não tivemos dificuldades. O que eu posso te dizer, é que às vezes eu tô ali na frente e percebo que tem pessoas que resistem um pouco mais, porque cada um tem um ideal do que é o professor de História o que é o ensino de História, o que é História na cabeça. Então quando a pessoa tá ali na frente tomando posição, uma linha de trabalho, uma linha de pesquisa e de discussão, e aquilo não atende as expectativas... Eu tenho na memória, uma cursista mais velha, que na minha cabeça, ela era mais resistente, quando podia sair mais cedo e nessa observação superficial minha, ela tava me reprovando, dizendo que não era o caminho. Porque tem pessoas ali que acreditam que o negócio era desde a primeira hora resolver questões e ficar fazendo esqueminhas. [...]O barato da História e da mensagem ali é nós estarmos inteiros aqui, a leitura do mundo é a

¹²⁹ FONSECA, 2007, p. 150.

leitura histórica. Eu vou criticar o Jornal Nacional, o Faustão e vou criticar o Processo de Independência e vou criticar a Guerra do Paraguai. Esse arsenal crítico ele serve para o presente e para o passado. Porque ele serve à vida, portanto essas questões estão integradas. E é isso que é ser cidadão, cidadão é esse cara. O papel da História na formação da cidadania não é apenas ensinar o cara a reclamar quando o liquidificador vem com defeito e ele acha que cidadania é usar o código de defesa do consumidor. É ele ser cidadão no sentido pleno, da sua vida lúcida, racional e política.”

É nesse sentido que afirmamos que o ensino de História precisa se desvencilhar do vestibular e voltar-se para processos formativos mais amplos. E o curso parece caminhar nessa direção, ao não se constituir como propedêutico. Isto é fundamental em movimentos sociais que vivenciam cotidianamente essa tensão entre o “aprender para vida e aprender para o vestibular” - como salienta Mirian do Amaral Jonis Silva em tese recentemente defendida no Departamento de Educação da PUC-RJ – e tem, por isso mesmo, implicações pedagógicas, sociais e políticas.

Assim, acreditamos que o curso de capacitação apontou caminhos viáveis na construção do Letramento em História, ao articular o ideário freireano e a Matriz de Competências do ENEM. Nesse sentido, o ENEM, ao contrário de promover a redução do saber histórico e de processos formativos mais amplos, constitui um modelo que contribui para a sua ampliação na medida em que diminui a quantidade de informações cobradas e baseia-se em processos cognitivos mais gerais.

Com efeito, acreditamos que o ENEM e a articulação com a relativa autonomia da equipe de História, bem como a articulação com as concepções de ensino-aprendizagem, de História e também com um compromisso ideológico e político assumido promoveram dinâmicas cruciais para o desenvolvimento do Letramento em História. Isto se tornou referência para futuros cursos de capacitação ou de formação continuada, bem como para informar outras práticas nos CPVCs. É este o sentido político e social do próprio ensino. Por isso, acreditamos que o fim do modelo do vestibular pode contribuir não só para diminuir a seletividade, mas também para práticas de ensino mais substantivas e formativas de uma cidadania crítica e ativa e não subsumida no labirinto do vestibular sem os *fiões de Ariadne*.

No entanto, faz-se necessário pontuar algumas limitações observáveis ao longo das nossas investigações. A primeira se refere à ausência de entrevistas mais sistemáticas com uma amostra de professores cursistas. Com efeito, apesar das diversas tentativas frustradas de realizar entrevistas semi-estruturadas - tanto pessoalmente, quanto por telefone ou via internet – a única alternativa possível de obter suas apreciações foi o recurso a conversas informais, ao longo do curso. Assim sendo, uma visão mais ampla sobre a efetiva receptividade do curso, e de como os cursistas dos Pré-Comunitários se apropriaram das propostas formativas, foram apenas tangenciadas. Isto implica uma perda de riqueza, ao não possibilitar uma comparação entre os diálogos sobre os textos produzidos pela equipe formadora no contexto do curso e as interlocuções geradas pelos cursistas no chão das salas de aulas dos Pré-Comunitários.

A segunda lacuna se configura na ausência de um acompanhamento mais próximo de uma subamostra dos cursistas, com o intuito de observar a prática no cotidiano do “pré”. As implicações dessas limitações podem ser observadas na ausência de visões destoantes em relação sobre o curso, de críticas mais significativas em relação aos processos ocorridos no Curso de Capacitação de História. Sabemos que este curso não constitui uma “varinha de condão”, onde todos os problemas do percurso educacional são transformados e sistematizados sob a forma de ações pedagógicas perfeitas e acabadas. Daí decorre a necessidade de pesquisas complementares que procurem, de forma mais aprofundada, investigar tanto a recepção por parte dos professores que participaram do curso, quanto os possíveis desdobramentos em suas práticas nos núcleos de pré-comunitários. Além disso, futuras investigações podem mostrar os possíveis diálogos e impactos que o curso formativo pode ter provocado nas práticas pedagógicas dos professores cursistas, o que ampliaria e enriqueceria, de forma substancial, a investigação sobre os processos formativos a partir do Letramento em História.

Se apontamos alguns limites e lacunas da investigação, é porque a leitura sem essas devidas ressalvas poderá produzir a impressão de que esta dissertação se configura numa visão otimista e reducionista do curso, como uma panacéia para as lacunas observáveis nas Licenciaturas em História, na formação docente. É essencial salientar que nenhum mecanismo ou ação deve se revestir de “receita de bolo” pedagógica, aplicada indistintamente a todos os espaços e situações

sociais. Trata-se, com efeito, de como em determinadas situações reais uma equipe de docentes universitários formadores em História tentou dar conta das especificidades exigidas pelas interlocuções estabelecidas no diálogo pedagógico.

Por outro lado, nosso olhar estava direcionado aos processos formativos do Letramento em História. E, nesse sentido, o curso poderia ter ampliado as discussões sobre o processo de ensino-aprendizagem, e articulado de forma mais sistemática as idéias de Paulo Freire, como assumidas pela equipe com as implicações para a formação do docente em História. Além disso, os professores poderiam ter explicitado mais ampla e profundamente a importância das mediações dos professores junto a seus alunos para o desenvolvimento das Habilidades e Competências de Leitura. Se foram realizadas essas mediações nas especificidades das classes dos Pré-Comunitários, como acreditamos (ainda que de forma lacunar), elas poderiam ter sido, mais sistematicamente, objeto de aula e de interlocuções ao longo do próprio curso.

Por isso, cientes do processo sempre incabado da pesquisa, parafraseamos as palavras do professor Pedro: *Prefiro deixar janelas e portas abertas, ter a oportunidade para receber a novidade*. Afinal como ressaltava a professora Marta: *O programa é a vida, se não, não tem sentido*.